

A música na educação de jovens e adultos (EJA): Um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola
Music in the system of education of youngsters and adults (EJA): a study on musical relations between different age groups in the school

Jennifer GONZAGA*
Lilia Neves GONÇALVES**

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma investigação¹ que buscou desvelar relações que alunos de diferentes grupos etários estabelecem com a música no contexto da EJA. Esta pesquisa, de cunho qualitativo, teve como procedimentos de coleta de dados a observação livre e o grupo focal em uma escola que oferece a modalidade EJA na cidade de Uberlândia-MG. Os resultados mostraram que os jovens e adultos criam relações com a música a partir de suas experiências individuais e coletivas dentro e fora do ambiente escolar. Percebeu-se que aspectos etários e geracionais presentes nas relações que jovens e adultos estabelecem com a música foram perpassados por fatores sociais como de geração, classe social e de gênero e que são importantes de serem considerados no contexto da EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Musical. Educação de Jovens e Adultos. Relações com a Música.

ABSTRACT: This article presents the results of an investigation² that sought to unveil the relations that groups of different ages establish with music according to EJA (Young and Adult Education). It is a qualitative nature and its data collection is through free observation and the focal group in a school which offers EJA modality in the city of Uberlândia, Minas Gerais State. Thirty-nine EJA students took part in this study. The results have shown that young and adults created relations with music starting with its own individual and collective experiences inside and outside of the school environment. It has been seen that age and generational aspects in the relations that young and adults establish with music were pervaded by social factors as generation, social class and genders and that are important to be considered in the context of EJA.

KEYWORDS: Musical Education. Young and Adults' Education. Relations with Music.

* Jennifer Gonzaga é mestre em música pelo Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Música da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que culminou na dissertação intitulada “A música na educação de jovens e adultos (EJA):Um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola”, sob a orientação da profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves, <http://orcid.org/0000-0003-1715-4690>. E-mail para contato: jennigonzaga@gmail.com

** Lilia Neves Gonçalves é doutora em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora do Curso de Música e do Mestrado em Música da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail para contato: lilia_neves_2006@hotmail.com

¹ Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Música da Universidade Federal de Uberlândia que culminou na dissertação intitulada “A música na educação de jovens e adultos (EJA):Um estudo sobre relações musicais entre diferentes grupos etários na escola”, (GONZAGA, 2019), sob a orientação da profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves.

² Master's dissertation from the Graduate Program – Master's degree in Master in Music from the Federal University de Uberlândia that resulted in the dissertation called “Music in the system of education of youngsters and adults (EJA): a study on musical relations between different age groups in the school”, (GONZAGA, 2019), under the supervision of Dra. Lilia Neves Gonçalves.

1 Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa de mestrado que teve como foco relações que diferentes grupos etários estabelecem com a música no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), levando-se em conta que, quando chegam à escola, essas relações dos alunos já são perpassadas por categorias identitárias como de geração, classe social e gênero.

Os objetivos da pesquisa consistiram em desvelar relações que alunos de diferentes grupos etários da EJA estabelecem com a música no contexto da EJA; revelar as construções individuais e/ou coletivas sobre elementos musicais dos repertórios trazidos pelos alunos que frequentam a EJA; identificar relações dos alunos com a música imersas no contexto geracional da EJA; entender de que maneira esses alunos lidam e/ou são interpelados por essa categoria de geração em suas relações com a música; compreender como as relações que jovens e adultos estabelecem com a música a partir da ideia de geração estão perpassadas por fatores de classe social e de gênero e discutir se e como essas relações estão associadas às experiências musicais dos alunos.

Sabe-se que na EJA os conteúdos musicais são ensinados no componente curricular Arte, conforme a LDB de dezembro de 1996, em seu 26º artigo, no 6º parágrafo, o qual afirma que “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 1996).

A EJA no Brasil está ligada ao movimento de inserção das atividades escolares para pessoas que não tiveram acesso ou oportunidade de dar continuidade à educação básica na “idade adequada”³. Pode-se afirmar que a EJA é um espaço que quebra uma forte tendência da escola em classificar os alunos por faixa etária. Segundo a Resolução do CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010 (BRASIL, 2010), a idade mínima para o ingresso no ensino fundamental é de 15 anos e de 18 anos para o ensino médio, não havendo limite quanto à idade máxima.

Oliveira (1999) salienta que a os indivíduos que compõem a EJA fazem parte de grupos heterogêneos não só pela idade, mas também são heterogêneos em suas particularidades quando se pensa esses alunos inseridos na diversidade de grupos

³ A legislação brasileira considera que a idade adequada para que crianças e jovens frequentem a educação básica é entre 6 e 17 anos.

culturais e geracionais distintos presentes na sociedade atual. Isso porque para Ribas (2006).

as modalidades sociais de ser de uma determinada geração dependem de fatores como classe social, marco institucional e gênero, entretanto, estar em uma determinada fase da vida é uma condição que necessariamente se articula social e culturalmente com a idade (RIBAS, 2006, p. 28).

Entende-se que a essa heterogeneidade na EJA consiste, principalmente, da convivência das várias gerações com suas identidades e suas experiências variadas adquiridas ao longo da vida como, por exemplo, com o ler e escrever e, claro, com conhecimentos musicais e relações estabelecidas com a música nos espaços em que circulam.

É importante mencionar que acredita-se que a aprendizagem independe da geração, pois ocorre durante toda a vida desde que exista espaço para ouvir e ser ouvido, ligando-se ao fato de ser prazeroso e enriquecedor aprender música com o outro (RIBAS, 2009).

Tendo em vista essa complexa trama envolvendo os alunos da EJA inúmeras vivências musicais são trazidas para o cotidiano escolar, o que pode provocar preconceitos e o aparecimento de estereótipos como “música de velhos”⁴, “música dos jovens”, um estranhamento entre as experiências distintas, aceitação ou repulsa um do outro a partir da escuta e /ou preferências musicais diferentes.

Portanto, o espaço da EJA é um lugar produtivo para entender como podem ocorrer as relações de ensino-aprendizagem⁵ musical no convívio entre grupos etários distintos. A partir das diversas experiências musicais dos jovens, adultos e idosos criam-se relações em torno da música, sendo essas importantes para refletir sobre a educação musical em um contexto amplo.

Este artigo está organizado em sete partes. Na introdução são expostos o tema e os objetivos deste artigo; na segunda parte são mencionados os fundamentos teóricos desta pesquisa; na terceira parte estão em destaque os participantes da pesquisa, bem

⁴ Alguns termos entre aspas como “música de velhos”, “músicos dos jovens” não são termos indicados por autores. São termos, geralmente, utilizados no senso comum e que por trazer discussões sobre a seu uso, dimensão optou-se por deixá-los entre aspas.

⁵ Neste trabalho, opta-se pelo uso de ensino-aprendizagem como um processo dialógico no qual quem ensina aprende, quem aprende ensina.

como os procedimentos de coleta de dados. Em seguida, na quarta parte, estão expostas experiências musicais de jovens e adultos levadas para a escola; na quinta parte, está em discussão a escuta como prática musical importante na constituição das experiências musicais desses alunos; na sexta parte são analisadas relações com a música está permeada pelas categorias de geração, gênero e classe social e, por último, na sétima parte são realizadas as considerações finais sobre o tema discutido.

2 Pressupostos teóricos

Dentre os fundamentos teóricos desta pesquisa está a música como prática social. Segundo Souza (2004, p. 8), a música é “uma comunicação simbólica, sensorial e afetiva”, portanto algo social e que, geralmente, “desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor, assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas (Idem, p. 9)”.

Levando-se em conta o aspecto geracional, que está presente na EJA, Mannheim (s/d, p. 153) afirma que as pessoas que compartilham da mesma idade só estão ligadas de alguma forma com a sua geração se estiverem “nas correntes sociais e intelectuais características da sua sociedade e período” e se elas “têm uma comum experiência activa ou passiva das interações de forças que construiu a nova situação” (Idem, p. 153), pois as “gerações estão num estado de constante interação” (Idem, p. 150). O que forma uma posição de semelhança é o fato dessas pessoas que estão inseridas em uma mesma geração experimentarem os “mesmos acontecimentos e os mesmos dados, etc., e especialmente o facto das experiências caírem sobre uma consciência semelhante ‘estratificada’” (Idem, p. 145).

Sabe-se que as idades, que estão imersas na trama da vida social cotidiana, não estão separadas de outras categorias sociais identitárias, pois existe uma relação entre elas de maneira que estão interligadas e dão sentido à construção da identidade de um determinado grupo. Estar em um grupo etário é relacionar-se com outras categorias identitárias, pois entende-se que essas categorias não se constituem isoladamente na sociedade. A idade que assumimos é carregada por inúmeras influências, o que contribui com a construção da nossa própria identidade.

As categorias etárias não estão separadas de fatores sociais, tais como classe social, gênero, religião e marco institucional. Nesse sentido, não há como desconsiderar a música quando se fala de categorias etárias/geracionais, pois “a presença da música

em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado” (GREEN, 1987, p. 88 apud SOUZA, 2004, p. 7).

Pensar e considerar as vivências musicais que os alunos carregam para a escola e para a sala de aula é algo muito válido para o espaço da EJA. A diversidade etária e de geração alimenta essa questão, pois são pessoas que viveram momentos diferentes, momentos musicalmente distintos e que foram significativos de maneiras diferentes para cada um dos educandos. Tendo em vista esse aspecto, o professor que atua na EJA deve estar atento para as diversas experiências musicais dos alunos e considerá-las no cotidiano das aulas.

3 Metodologia

Esta pesquisa consistiu em uma abordagem qualitativa, sendo esse tipo de pesquisa composto por “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996, p. 1).

Sendo a EJA, portanto, um sistema complexo de significados, devido às diversas heterogeneidades que podem ser encontradas no espaço escolar, a pesquisa qualitativa pôde dar subsídios para compreender os comportamentos individuais que se esboçam na coletividade nesse espaço. Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa possibilitou a compreensão de como os alunos que convivem nesse contexto se relacionam com a música.

3.1 Características do grupo de alunos da EJA participantes da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de educação básica que atende o ensino fundamental II, ensino médio, EJA e curso de magistério localizada na cidade de Uberlândia/MG. As turmas de ensino médio da EJA nessa funcionam semestralmente, sendo que cada semestre consiste em um ano do ensino fundamental ou médio. Durante o ano de 2018 (1º e 2º semestre) foram acompanhadas uma turma de cada ano do ensino médio (1º, 2º e 3º ano). Portanto, foram acompanhadas 6 turmas ao todo, 3 turmas no primeiro semestre de 2018 e 3 turmas no segundo semestre de 2018. As turmas de 2º e 3º ano do segundo semestre de 2018 continham, em sua maioria, alunos que foram acompanhados desde março e alunos que ingressaram na escola no segundo semestre de 2018. A turma de 1º ano do segundo semestre era composta por alunos novos que começaram a frequentar a EJA na escola a partir de agosto de 2018

O perfil do aluno que frequenta a EJA na escola era de jovens, adultos, donas de casa e alguns desempregados, mas, em sua maioria, era de trabalhadores. No geral, esses alunos eram provenientes de uma classe social operária e que moravam em bairros periféricos da cidade, com idades que variavam de 18 a 53 anos. Eram pais, mães, chefes de família, trabalhadores e desempregados com uma rotina diária intensa.

Durante as observações, esses alunos mencionavam que procuravam terminar os estudos em busca de melhores oportunidades no mercado de trabalho. Para alguns deles a EJA era uma oportunidade de terminar os estudos de maneira rápida e ainda adquirir o conhecimento que foi “deixado para trás” no tempo considerado “correto”.

Tal como a literatura aponta, nessas turmas de EJA pôde-se observar que a geração é uma das categorias identitárias mais presente. Nas turmas observadas, as gerações eram de jovens e adultos. Não houve, em momento algum, durante o período de coleta de dados, a presença de idosos.

Notou-se que, apesar de alunos jovens se relacionarem aparentemente bem com os alunos mais velhos, a maioria se agrupava de acordo com sua faixa etária e gerações próximas, principalmente quando o professor de arte pedia para que a turma se dividisse em grupos para realizar alguma atividade. Nesse caso, os alunos jovens se agrupavam entre si e os mais velhos se uniam aos adultos. Apesar de os alunos se agruparem por gerações, pôde-se observar que os jovens também se juntavam com os adultos para conversar. Aparentemente, para os alunos, a diferença de geração não era um problema, já que as brincadeiras e os comentários em relação a isso mostravam que eles pareciam lidar bem com a diferença de idade. A convivência, as brincadeiras e as reações aparentavam ser momentos descontraídos para eles.

3.2 A coleta de dados

Esta pesquisa contou com dois procedimentos de coleta de dados: a observação livre e os grupos focais.

A observação livre foi adotada como procedimento desta pesquisa na busca de compreender quem eram os alunos e como estavam inseridos no espaço educacional da EJA, estabelecer certa proximidade com os mesmos, e entender como esses alunos relacionavam-se na escola e, mais especificamente, com a música na aula de arte.

O segundo procedimento de levantamento de dados desta pesquisa foram os grupos focais que, segundo Morgan, são valiosos quando se trata de investigar o que os participantes pensam, mas são mais eficientes para descobrir “por que os participantes

pensam como pensam” (1988 apud BARBOUR, 2009, p. 64). Devido a isso, o procedimento metodológico utilizando os grupos focais foi direcionado com intuito de compreender como os alunos veem, pensam e se relacionam com a música, levando-se em conta, principalmente, categoria etária e geracional, tendo em vista aspectos de classe social e de gênero.

Esses grupos focais foram utilizados para entender o que os alunos da EJA traziam para a escola, ou ter uma ideia sobre suas experiências com repertório musical variado, contemplando diferentes gêneros musicais, de diferentes épocas e interpretação de artistas nacionais e internacionais. O objetivo era conhecer, ainda que de forma ampla, relações dos alunos com o repertório de músicas que foi selecionado para a realização desta pesquisa. Para tanto foram utilizados áudios e vídeos de canções de vários cantores, músicas e épocas, bem como imagens que estimularam os alunos a conversarem, interagirem e debaterem sobre música⁶.

Participaram dos grupos focais, em cada turma, uma média de 13 alunos, que estavam presentes no dia da realização dos grupos focais, na faixa etária entre 18 e 53 anos.

4 Alunos da EJA e as experiências musicais trazidas para a escola

Nota-se que a presença de faixas etárias diferentes dentro da mesma sala de aula foi algo realmente característico nas turmas que participaram desta pesquisa, assim como a diversidade geracional. Constatou-se, portanto, a diversidade de geração, de gênero e classe social, além, é claro, da heterogeneidade etária. Viu-se o jovem negro que frequenta bailes funk, a senhora branca que gosta do sertanejo raiz e o jovem que se veste como “roqueiro”, mas que ouve *blues*.

Durante as observações e os grupos focais, notou-se que os alunos carregam para o ambiente escolar experiências musicais que vivenciaram em diversos espaços, com a família, nas festas, nos bares, nos bailes, entre outros. Portanto, a aprendizagem musical não se dá somente na escola, ela ocorre em diversos espaços para além da escola.

Além desses espaços, percebeu-se também que os alunos da EJA, que participaram desta pesquisa, em vários momentos eles experienciavam e aprendiam

⁶ Os conteúdos relacionados aos grupos focais são referenciados no texto, desta maneira: (GF2, T1º, 25/10/18, p. 115), ou seja, o número do grupo focal, a turma, o dia e a página em que a citação localiza-se no Caderno que fora construído com as transcrições dos grupos focais.

música através dos celulares, computadores e nos vários espaços sociais frequentados por eles ao mesmo tempo.

É nessa simultaneidade de espaços sociais em que experienciam a música que os indivíduos também constroem suas relações com a música e também empreendem inúmeras aprendizagens musicais.

Souza (2004) afirma:

Pois é no lugar, em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais e culturais, que estabelecem práticas sociais e elaboram suas representações, tecem sua identidade como sujeitos socioculturais nas diferentes condições de ser social, para a qual a música em muito contribui (SOUZA, 2004, p. 10).

De acordo com os dados da pesquisa, dentre os lugares em que a música se fez presente na vida dos alunos, está, principalmente, o ambiente familiar. Esses alunos associaram a música a esses locais e muitos mencionaram sua importância nas formas como lidam com a música em suas vidas. Além dos espaços familiares, os alunos destacaram a música que viviam em bailes funk, boates, festas sertanejas, bares e também em locais rurais como ranchos, como fazendo parte de suas vivências.

Percebe-se, na fala dos alunos, que esses espaços lhes proporcionaram diversas experiências. Por meio dessas experiências criaram suas próprias identidades como, por exemplo, quando um aluno jovem disse para seu colega, também jovem, que gostava de músicas sertanejas antigas, que ele ouvia com seu pai nos churrascos de família, e que essas músicas falam muito sobre o que ele quer ser.

As muitas experiências vividas pelos alunos da EJA, nos vários espaços frequentados por eles, fazem com que eles atribuam determinados significados para a música como, por exemplo, quando uma aluna adulta afirmou que também gostava de “modão⁷” porque ouve no rancho com seu filho.

Green (1997) afirma que “o significado social da música” pode ser útil para compreender as diversas práticas musicais dos vários grupos de estudantes inseridos na escola e também para mostrar “por que estudantes de diferentes grupos se envolvem em

⁷ O nome sertanejo foi alojado à vertente romântica deixando órfão de nome a autêntica música sertaneja, que ganhou também o nome de “modão” ou “música de raiz”. Uma mistura confusa de termos desde então vem tentando definir nichos e espaços de venda e público. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n90/0103-4014-ea-31-90-0267.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

certas práticas musicais, por que evitam outras e como respondem à música na sala de aula” (GREEN, 1997, p. 33).

Os alunos estão imersos em uma rede de relações e de sentidos, muitas vezes proporcionada pelas mídias, e estabelecem tais relações, sentidos e significados que vão se interconectar à medida que convivem em vários espaços e, nesse caso, no espaço da EJA.

Essas considerações sobre as múltiplas experiências dos alunos apontam para a concepção de que eles são “sujeitos socioculturais”, que possuem um saber, uma cultura e também um projeto de vida pessoal, sendo este “mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos” (DAYRELL, 1996, p. 144).

5 A escuta como prática musical dos alunos da EJA

Sabe-se o quanto a escuta na prática musical é importante para o reconhecimento de gêneros musicais, letras, e entre outros aspectos. Sloboda (2008, p. 203) afirma que “[...] a escuta na vida real costuma envolver a audição repetida do mesmo material, de modo que sua estrutura interna se torna mais e mais conhecida”. Portanto, entende-se que os alunos conhecem e reconhecem aspectos musicais devido à prática da escuta, ou seja, quanto mais escutam mais vão se familiarizando com o gênero musical, percebendo as letras e outros aspectos da música.

As referências musicais trazidas pelos alunos da EJA para o ambiente da escola foram construídas da imersão deles nos ambientes familiares a partir da escuta no dia a dia.

A partir dos dados, percebeu-se que a geração pode ser um fator importante no reconhecimento de um determinado repertório, e que, muitas vezes, está associado a situações cotidianas da vida dos alunos. Tal aspecto está presente na fala de alguns alunos quando comentaram sobre os “modão”, considerado por eles como valor adquirido durante momento de convivência familiar por meio de churrascos, almoços de domingo ou idas ao rancho com os filhos.

Pensando sobre gêneros musicais e suas possíveis definições, os alunos da EJA compartilharam várias características que, para eles, estão ligadas aos gêneros musicais ouvidos: a letra, a voz, o ritmo, o sucesso, os significados e os sentidos que foram aspectos atribuídos às músicas ouvidas durante os grupos focais.

A letra, além dos gêneros propriamente ditos, foi um dos aspectos musicais que mais acionou conexões durante os grupos focais. A letra das canções tem um papel muito importante na relação que os alunos, jovens e adultos, estabelecem com a música. Para os alunos não só o gênero musical tem suas especificidades e significados sociais, mas a letra também é carregada de possibilidades de atribuição de significados que serão associados com a música, pois elas “dizem algo” e é na letra que alguns focam mais a atenção.

Falar o que pensam por meio das letras das músicas foi uma estratégia usada com frequência pelos alunos durante os grupos focais. Para eles, a letra é algo importante para “qualificar uma música” e, como mencionado, é o aspecto de destaque na atribuição de significados sociais, além de ser também uma forma de expressar suas identidades.

Prestar atenção nas letras é algo que a maioria dos alunos apresentou. Muitos deles conseguiam separar a letra de um outro elemento musical como, por exemplo, o ritmo. Para eles, o funk tem letras ruins, mas, segundo os próprios alunos afirmam, a “batida é boa”, ou seja, o “ritmo é gostoso”, que é “algo bom de se ouvir”. Nesse sentido, pôde-se inferir, no que se refere ao funk, que o foco desses jovens está mais na batida do que na letra.

Percebeu-se que a letra tem um impacto grande na construção dos significados musicais quando esses alunos, a partir de suas experiências, falaram sobre “música de má qualidade”, “música sem sentido”, “não tem conteúdo”. Mostraram que, mesmo sem uma formação específica em música, sem tocar um instrumento, eles vão construindo, a partir da escuta, significados e os seus conhecimentos musicais. E as letras têm um papel importante nessa associação entre a música, seu significado e a identidade social.

Na grande maioria das vezes, os alunos jovens e adultos focam nas letras das canções e é importante considerar que as letras podem dizer algo sobre o que uma geração pensa, sente, bem como suas ações sociais características, principalmente, no que se refere a aspectos associados entre geração, classe social e gênero.

Assumindo que para eles existem músicas “antigas e novas”, os alunos também compararam letras das “músicas antigas com as de hoje” e vice-versa. Os alunos discutiram que as letras das músicas expressam e comunicam de várias formas seus conteúdos nos seus diferentes tempos, salientando o papel que as letras das músicas tiveram nas diferentes épocas.

Além da letra, a voz é também um fenômeno que tem papel importante na composição de significados que esses alunos estabelecem com a música. Barros (2012, p. 48) afirma que “cada indivíduo tem sua identidade vocal, tem seu timbre, que é reconhecido por ele e pelos outros indivíduos”.

A maioria das falas dos participantes desta pesquisa estão no sentido de que tais aspectos estão ligados às preferências musicais deles pelo repertório ouvido. Sabe-se que o repertório e os estilos ou gêneros musicais têm um papel importante quando “expressam também sentidos da cultura juvenil, manifestados no vestir, no comportar, no corpo, na linguagem e gestos, revelando a identidade: são pagodeiros, neo-sertanejos, roqueiros, etc” (SOUZA, 2004, p. 10).

Vila (2012, p. 271) expõe que “narrativas identitárias diferentes (de diferentes pessoas, mas também de uma mesma pessoa) processam o significado conflitivo da música de diferentes maneiras”, ou seja, cada pessoa irá associar um sentido diferente para a música. Essa ideia foi observada durante os grupos focais, quando alguns alunos disseram que o funk tinha como principal intuito a dança, ou quando a música sertaneja poderia significar o sentimento de “sofrência”⁸.

As narrativas identitárias estão ligadas ao que se chama, neste trabalho, de categorias identitárias, sendo estas de geração, de gênero e de classe social. Tais categorias podem ser “os óculos” que os alunos utilizam para atribuir um determinado significado para a música como, por exemplo, quando alguns alunos jovens falam que gostam de determinadas músicas, pois ouviram com seus pais durante muito tempo.

6 Relações de alunos da EJA com a música

Serão abordadas neste tópico as relações que os alunos participantes desta pesquisa estabelecem com a música, principalmente, a partir da categoria identitária de geração que também abarcará aspectos relacionados a gênero e classe social.

Foi possível pensar as relações com a música na perspectiva geracional e intergeracional, levando em conta de que forma a música em seu tempo e em seus aspectos se presentifica nessas relações que os alunos estabelecem com a música.

A convivência intergeracional foi observada na maneira como os alunos mais novos viam a idade dos colegas mais velhos. Depois de ouvirem a música “Garçom” do cantor Reginaldo Rossi, Leonardo e José tiveram o seguinte diálogo:

⁸ Segundo os alunos é um sentimento de sofrimento, principalmente quando há traição em uma das partes de um relacionamento.

Leonardo [20 anos]⁹: - Isso aí [risos]... é porque é música do seu tempo...

José [53 anos]: - Que que é?

Leonardo [perguntando pro José]: Essa música aí quando é [que] lançou?

José: - Uns 5, 6 anos antes de eu nascer.

[Todos riem].

Leonardo [continua perguntando]. Você cantou com quantos anos quando lançou?

José: - Na média de uns 70.

[Todos riem novamente. Leonardo dá uma gargalhada].

Leonardo [acrescenta]: - Hoje está com 3 mil anos.

Jennifer: - Tá...

José: - Eu sou o Matusalém, rapaz?

Leonardo: - Vampirão (Leonardo e José, GF1, T2°, dia 04/10/2018, p. 28).

Para Lloret (1998, p. 15), “a questão é que, ao colocar-nos ou ser colocados em um grupo de idade, somos captados por algumas imagens e certas práticas sociais”. Percebeu-se que alunos jovens, ao atribuírem características aos colegas mais velhos, ou seja, a partir da faixa etária entende-se que há certas práticas sociais como, por exemplo, conhecer uma música lançada anos atrás.

Dada à diversidade de relações estabelecidas entende-se, então, que a música consumida por diferentes grupos geracionais possui fronteiras específicas, ou seja, “os símbolos de um grupo passam a ser apropriados pelo outro” (RIBAS, 2006, p. 160). Na perspectiva dessa autora, essas fronteiras não conseguem delimitar questões geracionais quando envolvem a música, isso porque a música é compartilhada por diversas gerações.

Mesmo que essas demarcações não sejam fáceis de serem delimitadas as relações musicais experienciadas pelos alunos são marcadas pelo tempo, por gêneros musicais e por grupos musicais, ou seja, por materiais culturais e simbólicos que uma geração carrega como, por exemplo, as músicas que os netos, avós, pais e filhos ouviam e que de certa forma foram cruciais para estabelecer percepções da/sobre a música.

As relações musicais associadas às gerações e à “idade da música” foi algo que apareceu durante os grupos focais sob várias perspectivas. Nesse sentido, é importante lembrar que geração é uma categoria social presente no mundo que vivemos e algo que perpassa, principalmente, os grupos familiares e, claro, no caso deste trabalho, também a EJA.

⁹ Os nomes dos participantes são fictícios.

Para a maioria dos alunos jovens o comportamento das pessoas mais velhas, representado nas figuras apresentadas a eles durante os grupos focais, é algo diferente e por isso tiveram certo estranhamento. Lloret (1998, p. 22) afirma que “segundo a idade, poderemos aspirar a determinados papéis”, ou seja, pode-se esperar um determinado comportamento de certa idade. Portanto, os alunos tinham em mente uma atitude específica para as pessoas mais velhas e para os jovens.

Durante os grupos focais houve discussões sobre quais gerações ouviriam ou não determinados gêneros musicais. O gênero musical “modão”, por exemplo, dividiu opiniões. Isso porque jovens disseram que esse gênero era antigo, de tempos passados. No entanto, a maioria dos alunos rebateu os colegas dizendo que esse tipo de música não pode ser classificado como sendo apenas voltado para velhos. Essa divisão de opiniões se dá, principalmente, devido ao tempo que o gênero musical ou a canção foi lançada e às gerações que o consome nos dias atuais.

Nesse sentido, alguns alunos atribuíram certas músicas ou gêneros musicais a determinadas gerações. Entende-se, como discutido por Lloret (1998) e Mannheim (s/d), que várias gerações convivem no mesmo tempo, porém cada uma das gerações tem suas próprias experiências, ou seja, vive algo subjetivo. Na perspectiva desses autores, todas as pessoas convivem com outros indivíduos de várias idades e assim criam inúmeras experiências, mas se tem claro que, para cada uma, o “mesmo tempo geracional” é algo diferente, sendo o tempo uma representação individual que é compartilhada com outras pessoas da mesma faixa etária.

Vianna (2003) é um autor que utilizou o rock para exemplificar essa questão intergeracional. Esse autor diz que:

Aquilo que era considerado jovem envelheceu, mas sem afastar (pois continua a ser visto como “jovem”) os novos adolescentes. O caso da música rock é exemplar - mas nem de longe único - nesse sentido. Qualquer concerto de um grupo como os Rolling Stones, só para citar o caso mais conhecido, sempre atraiu – não importa se nos anos 60, 70, 80 ou 90 – uma numerosa plateia adolescente. Mas ao contrário da uniformidade etária do seu palco nos anos 60, a plateia dos anos 90 mistura pessoas de treze com outras de cinquenta, e quem está no palco – apesar de continuar sendo um símbolo jovem - já tem cabelos brancos. Essa “promiscuidade” intergeracional cria dificuldades, que em outras épocas eram menos claras, mas não inexistentes, para se tentar identificar os jovens a partir de determinado padrão de consumo (por exemplo: “o consumo do rock”), ou pelo pertencimento a determinados grupos (“o grupo dos roqueiros”), ou pelo investimento em determinados signos (“o rock como a nossa música, detestada por nossos pais”) (VIANNA, 2003, p. 9).

O tempo é algo que define alguns aspectos que envolvem as gerações, bem como as músicas ouvidas e experienciadas nas diferentes fases da vida. A organização do tempo para jovens e adultos passa pela ideia do tempo vivido por eles, ou pelas gerações com as quais conviveram e com as quais ainda convivem. Para alguns alunos jovens, algo antigo compreende dos anos “2000 pra baixo”, ou seja, antes do ano 2000. Um aluno (GF1, T2°, 04/10/2018, p. 43), de 19 anos, chegou a dizer que “a partir de 2000 é um novo ciclo”. De acordo com ele, seus colegas, nascidos antes de 2000, eram vistos como antigos.

Portanto, ter a ideia que a juventude de hoje é diferente dos jovens de antigamente é algo que divide opiniões dos alunos da EJA, principalmente, quando se discutiu sobre o funk. As músicas têm relações com seu tempo de produção e acredita-se que seja importante a forma como essas gerações fazem essas músicas perdurarem no tempo. Importante na medida em que a convivência inter/intrageracional é essencial para a construção das relações com a música.

Os alunos que participaram desta pesquisa diferenciam tanto o tempo da composição quanto o tempo de consumo da música. Na maioria das vezes, ambos estão ligados a uma “música boa”, que continua sendo ouvida por gerações diferentes. Para eles, as músicas que permanecem na mídia, ou seja, aquelas que fazem sucesso e que “duram” são as “músicas boas”. No entanto, um paradoxo é que para eles as músicas de hoje que estão na mídia são ruins, pois as músicas de hoje para eles não têm qualidade, principalmente, as suas letras.

Em conversas registradas nas observações e nos grupos focais os alunos não só experienciaram a música, mas também discutiram sobre seu papel na sociedade e sobre como as pessoas relacionam-se com determinadas músicas.

Devido à divisão de classes, sendo esta característica da sociedade capitalista, o indivíduo pode consumir ou não uma determinada música como, por exemplo, quando um aluno (GF1, T2°, 04/10/2018, p. 42), de 20 anos, disse: “_O rico escutar música de favela, você tá louco?”. Nota-se que para alguns alunos a divisão de classes pode incidir sobre a música que uma pessoa consome. Ou seja, os alunos associam determinadas músicas a classes sociais. E, ainda, mencionam que há certos gêneros musicais para cada classe social, ou seja, para eles, o funk é característico da classe pobre e a “música erudita dos ricos”. Essa associação também foi feita para o tipo de roupa que os músicos utilizam, caracterizando-os como um profissional específico e que toca uma determinada música.

Os alunos também comentaram sobre o Pablo Vittar¹⁰ quando ouviram a música “Problema Seu”. Alguns alunos jovens deram risada e um deles disse que “a cantora estava concorrendo pra ser a mulher mais sexy do país” [de forma irônica]. Um aluno, de 22 anos (GF3, T3º, 08/11/2018, p. 136) afirmou que isso é algo estranho, pois é um homem vestido de mulher tentando cantar como mulher. De acordo com Caldeira (2019):

A voz, enquanto uma ferramenta de identificação de um indivíduo, desempenha funções no exercício dos papéis sociais de gênero. Isso porque ter uma voz que corresponda ao seu sexo biológico é uma espécie de padrão estabelecido para se exercer um papel social de gênero. Nesse caso, ter voz grave por ser homem ou ter voz aguda por ser mulher (CALDEIRA, 2019, p. 24).

Entende-se que o estranhamento causado pela voz de Pablo Vittar esteja ligado aos papéis sociais de gênero que estão presentes em nossa sociedade. Como a voz desse cantor vai na “contramão” daquilo que socialmente é entendido como “correto” ou como a “voz de um homem” deve ser e soar, os alunos estranharam e fizeram críticas à voz do cantor.

Percebeu-se que para os alunos há papéis sociais de gênero, principalmente, quando se trata do cantor de uma determinada música. Além disso, para eles há determinadas músicas com letras que podem agradar mais às mulheres do que aos homens e há letras de músicas que deturpam as mulheres, colocando-as em uma posição menor perante a sociedade.

Quando se analisa relações dos jovens e adultos com a música, fatores como idade, geração, ambos permeados pela categoria do tempo, são aspectos importantes quando se pensa nas relações que são construídas com a música. Relações essas que estão presentes na vida de alunos no processo educativo-musical que acontece dentro e fora da escola.

7 Considerações finais

Para desvelar relações que esses alunos estabelecem com a música foi importante investigar quem são esses alunos que chegam à escola com toda uma construção musical a partir de suas experiências nos vários espaços frequentados por

¹⁰ Pablo Vittar se identifica como homem cisgênero (uma pessoa que se identifica com o gênero designado no seu nascimento a partir do sexo biológico), entretanto quando canta na sua *performance* artística ele se apresenta como *drag queen*, uma representação de gênero feminino. Então, quando os alunos fazem referência a ele adotarei o gênero feminino, pois os mesmos o veem na representação feminina.

eles. Essas experiências, das mais diferentes naturezas, eram vividas por esses jovens e adultos a partir da escuta em diversos espaços sociais como: bares, shows, boates e reuniões de família. Essa escuta possibilitou que esses alunos criassem relações sociais, musicais e culturais com vários gêneros musicais. Gêneros musicais permeados, principalmente, por referências geracionais, mas também perpassados por aspectos de classe social e de gênero.

Foi possível conhecer o repertório ouvido por esses alunos e várias de suas referências musicais. Destaca-se que as relações desses alunos da EJA com o repertório são construídas a partir de suas vivências cotidianas e, a partir dos dados empíricos, ficam evidente que aspectos etários e de geração incidem com certa força sobre o repertório ouvido, referenciado e preferido por esses alunos.

Esse repertório ouvido conta com alguns gêneros musicais como o rap, o rock, o sertanejo e o funk. Em suas experiências, esses alunos criam categorias e subcategorias para explicar esses gêneros musicais, a partir de vários aspectos, inclusive, a partir de um vocabulário muitas vezes criado por eles para designar e explicar o que pensam, como pensam e porque pensam sobre música ou sobre um gênero ou uma canção específica como, por exemplo, o rap nutella¹¹, que segundo os alunos, é para pessoas que gostam de romantismo como a música “Hoje ela só quer paz”, do rapper Projota.

Para eles a letra em algumas canções do funk, por exemplo, é algo que deve ser pensado e analisado separadamente da melodia e do ritmo. A partir das letras, os alunos pautados em critérios construídos por eles nas relações que eles estabelecem com a música no cotidiano eles acreditam que existem “músicas boas” e “músicas ruins”. Além disso, para eles, a letra tem um papel importante para estabelecer significados musicais e de identidade social.

Para além do gênero musical e a letra, para os alunos, a voz dos cantores também é um fator importante para compreender um determinado gênero musical. Análises relacionadas com o timbre da voz, performance dos cantores e a época que eles fizeram sucesso são aspectos musicais salientados pelos alunos. Para a maioria deles, alguns gêneros musicais estão ligados ao timbre do cantor e, nesse sentido, a voz dos intérpretes tem papel importante nas preferências musicais dos alunos, ou seja, pelo repertório ouvido.

¹¹ “Rap nutella”, termo mencionado por eles, supostamente prioriza um discurso calcado nas relações afetivas e na ostentação de bens materiais, em detrimento do histórico engajamento político e da crítica social. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/a-polemica-rap-raiz-x-rap-nutella-em-clipes-1.2012412>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Pensando nisso, a partir das categorias identitárias presentes no cotidiano escolar da EJA, principalmente a geracional, acompanhada de fatores associados à classe social e gênero, os alunos estabeleceram certos significados musicais. Percebe-se que essas categorias foram importantes para entender os alunos em suas explicações sobre a forma como se relacionam e porque se relacionam com a música.

Dentre essas categorias, pode-se afirmar que a categoria etária/geracional sobressaiu-se nas discussões realizadas durante os grupos focais. Era visível em alguns momentos, por exemplo, a diferença de geração, principalmente quando os mais velhos comentavam sobre alguma música e junto com ela traziam memórias do que viveram em outras épocas, deixando os jovens espantados. Isso ocorreu também quando uma aluna mais velha comentou que na época da ditadura muitas músicas não podiam ser ouvidas, pois elas foram censuradas.

O “modão”, para eles era um tipo de música sertaneja, foi um gênero que os alunos adultos trouxeram à memória. Para a maioria dos alunos, as letras desse gênero musical contam uma história, sendo essa a que proporcionou memórias de um tempo vivido pelos alunos adultos.

Quando os adultos falam sobre a música que ouvem, percebe-se que suas referências passam pelo que ouviam com seus pais e avós, ou agora ouvem com seus filhos ou com colegas de sala mais jovens. Tem-se claro que essa vida vivida entremeada por tudo isso vai incidir sobre o que, como e porque pensam o que pensam, e, claro, como vivem a música imersos no processo de convivência das gerações.

Para os alunos a música tem seu tempo, ela pode ser “antiga”, porque perpassa várias épocas, vivida por várias gerações. O “modão” é um exemplo de música que tem seu tempo, e que para os alunos jovens é uma “música antiga”. É considerada antiga também porque percorre várias épocas e, nesse tempo presente, ela aparece nas experiências cotidianas vividas ao mesmo tempo pelas diversas gerações com as que os alunos da EJA convivem, como pais, avós, filhos. Sendo assim, em relações intergeracionais, os alunos jovens também vivenciam essa música no tempo presente, criando, a partir dessa convivência, suas relações e significados com a música.

Considerações sobre “música boa”, “música ruim”, “música velha” apareceram muitas vezes durante o trabalho. Considerações dessa natureza são realizadas tendo em vista a forma como cada um dos alunos que participaram desta pesquisa, jovens ou adultos, experienciam a música. A questão, nesta pesquisa, não foi generalizar o que eles pensam, não foi discutir se o que pensam está “certo ou errado”, também não esteve

em questão se foi bom ou não o que pensavam sobre a música no tempo e/ou no tempo vivido por eles. O importante é que cada professor de música saiba que os alunos já trazem essas experiências perpassadas por vários aspectos para a sala de aula. Experiências essas que atravessadas pelas categorias etárias/geracionais, de classe social e de gênero (RIBAS, 2006), vão ser importantes na construção de um projeto de ensino-aprendizagem de música.

Portanto, pôde-se desvelar relações musicais que jovens e adultos estabelecem com a música, antes de chegarem à escola. Elas fazem parte da bagagem sociomusical construída por eles nos diversos espaços em que vivem, bagagem essa perpassada por aspectos geracionais, de classe social e gênero. No entanto, sabe-se que ainda há muito o que se estudar empiricamente sobre como os indivíduos constroem suas relações com a música. Outras pesquisas podem ser realizadas no campo da EJA, levando em consideração como a aula de música nessa modalidade educativa está impregnada pelas categorias identitárias como as de geração, gênero e classe social, etnia, religião, dentre outras. Acredita-se que este trabalho poderá contribuir para que se tenha uma compreensão não só do processo de construção de relações com a música, mas também que alunos já viveram processos ricos de aprendizagens quando imersos no mundo cotidiano vivido por eles.

Referências

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 216 p.

BARROS, M. de F. E. **Canto como expressão de uma individualidade**. 2012. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Arte, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_e0b54164d7b899a577d88e838da26c32
Acesso em: 15 jul. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996. Brasília: Palácio do Planalto, Governo da Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.
Acesso em: 30 maio. 2018.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, 2010. Disponível em:

<http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao032010cne.pdf>.

Acesso em: 22 mar. 2018.

CALDEIRA, B. **O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmasculinos**. 2019. 91 f. TCC (Graduação em Música-Licenciatura) - Curso de Música, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/26150>. Acesso em: 20 jul. 2019.

DAYRELL, J. Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 136-161.

GREEN, L. Pesquisa em sociologia da educação musical. **Revista da ABEM**, Salvador, n. 4, p. 25-35. 1997. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/483>. Acesso em: 19 jun. 2019.

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pèrez de (Org.). **Imagens do outro**. Tradução de: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 2. p. 13-23.

MANNHEIM, K.-O problema das gerações. Tradução de: Maria da Graça Barbedo. In MANNHEIM, Karl. **Sociologia do conhecimento**, Vol. II, Porto, RES-Editora, pp. 115-176, [1928].

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5. 1996. Disponível em: http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2017.

OLIVEIRA, M. K. de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED -Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, n. 12, p. 59-73. 1999. Disponível em: <http://bdpi.usp.br/single.php?id=001091370>. Acesso em: 20 jun. 2018.

RIBAS, M. G. de C. **Música na educação de jovens e adultos: um estudo sobre práticas musicais entre gerações**. 2006. 199 f. Tese (Doutorado em Música) - Curso de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7177>. Acesso em: 20 mar. 2020.

RIBAS, M. G. de C. Coeducação musical entre gerações. In: SOUZA, Jusamara (Org.). **Aprender e ensinar música no cotidiano**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 141 - 165.

SLOBODA, J. A. **A mente musical**. Tradução: Beatriz Ilari e Rodolfo Ilari. Londrina: Eduel, 2008.

SOUZA, J. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004. Disponível em:

<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/356>. Acesso em: 28 out. 2018.

VIANNA, H. **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2003.

VILA, P. Práticas musicais e identificações sociais. **Significação**: Revista de Cultura Audiovisual, São Paulo, v. 39, n. 38, p.247-277, dez. 2012. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71197/74184>. Acesso em: 23 mar. 2019.

Artigo recebido em: 04/02/2020

Artigo aprovado em: 03/03/2020